

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL**

**JÉSSICA CAMILA PANSERA SILVA**

**RETRATOS DO TRABALHO NA OBRA *CIDADE DE DEUS* DE PAULO LINS**

**CURITIBA**

**2014**

**JÉSSICA CAMILA PANSERA SILVA**

**RETRATOS DO TRABALHO NA OBRA *CIDADE DE DEUS* DE PAULO LINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para conclusão da especialização.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angela Rubel Fanini

**CURITIBA**

**2014**



**JÉSSICA CAMILA PANSERA SILVA**

**RETRATOS DO TRABALHO NA OBRA *CIDADE DE DEUS* DE PAULO LINS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de especializado em Literatura Brasileira e História Nacional.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

---

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

---

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Curitiba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2014.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus por todas as oportunidades que tive, e todas as pessoas que conheci e com quem convivi, pois sem as lições de vida que tive, não seria como sou hoje.

Agradeço aos colegas da especialização que me acompanharam durante esse período, que de uma forma ou de outra me ajudaram.

Agradeço aos professores, sem vocês o conhecimento nunca seria compartilhado, obrigada por todas as aulas preparadas, pelas horas de aulas, longas mas valiosas e pelas correções dos trabalhos feitas com muita sabedoria.

Agradeço aos meus familiares e amigos que me ajudaram e apoiaram nessa jornada. Especialmente ao Hugo.

Agradeço as amizades feitas na especialização, na qual encontrei suporte e compreensão, e que desde então tornaram-se caras ao meu coração.

E por fim, agradeço especialmente a minha orientadora, que teve muita paciência em aguardar a minha escrita e por dar todo apoio e compartilhar todo o conhecimento com relação a esse tema, que foi totalmente novo para mim. Obrigada por ser tão sábia e paciente.

Sem trabalho eu não sou nada

Não tenho dignidade

Não sinto o meu valor

Não tenho identidade

[...]

Tem gente que não tem nada

E outros que tem mais do que precisam

Tem gente que não quer saber de

trabalhar

LEGIÃO URBANA, 1996



## RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de estudar de que forma é retratado o trabalho no romance brasileiro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Por meio de uma análise do trabalho das principais personagens e dos trabalhos mencionados na obra, a pesquisa os categoriza em trabalhos e não-trabalhos. Portanto, utilizando-se de referenciais teóricos como: *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem* de Friederich Engels, *O Direito à preguiça* de Paul Lafargue, *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* de Ricardo Antunes, *O Brasil em preto e branco* de Jacob Gorender e *Manifesto contra o trabalho* do Grupo Krisis, conecta o sentido do trabalho para cada um dos autores e ressignifica o trabalho dentro da obra. Além disso, mostra outra faceta da obra, tentando explorar o novo sentido de trabalho no universo ficcional da obra e mostrando que o não-trabalho pode ser considerado trabalho neste romance.

**Palavras-chave:** Trabalho. Não-trabalho. Cidade de Deus.



## ABSTRACT

This research aims to study how the work is portrayed in *City of God*, a Brazilian novel by Paulo Lins. Through an analysis of the work of the main characters and the works mentioned in the novel, this research categorizes them into work and non-work. Therefore, using theoretical frameworks as: *The role of work in the transformation of monkey in man* by Friederich Engels, *The Right to lazyness* by Paul Lafargue, *The meanings of work : essay on the affirmation and denial of the work* by Ricardo Antunes, *The Brazil in Black and White* by Jacob Gorender and *Manifesto against the work* by the Krisis group , connects the meaning of work for each of the authors and reframes the work within the book. Furthermore, it shows another facet of the work, trying to explore the new direction of work in the fictional universe of the work and showing that non - work can be seen as work in this novel.

**Key-words:** Work. Non-work. City of God.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 AUTOR E OBRAS .....</b>	<b>14</b>
2.1 ENREDO DA OBRA .....	15
2.2 ORIGEM DA CIDADE DE DEUS .....	18
2.3 ADAPTAÇÕES DA OBRA .....	21
<b>3 VISÕES SOBRE TRABALHO.....</b>	<b>23</b>
<b>4 O TRABALHO NA <i>CIDADE DE DEUS</i> .....</b>	<b>33</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O livro *Cidade de Deus* de Paulo Lins é uma das mais importantes obras brasileiras da contemporaneidade, por tratar de assuntos cotidianos de uma favela e relatá-lo de forma realista. Nesta obra Paulo Lins trata de questões polêmicas, desafiando o leitor a confrontar-se com uma dura realidade da qual pode não pertencer, mas que o marca de maneira profunda. Esse romance é classificado como realista e traz histórias que se entrelaçam de duas épocas diferentes sobre a formação de uma favela no Rio de Janeiro, chamada Cidade de Deus. Com esta obra, o autor pretende chamar a atenção do leitor para mostrar a realidade de um lugar e transformar em livro uma pesquisa que realizou durante os anos em que ainda era acadêmico na Faperj, morando e se acostumando com a humildade do lugar. Ao realizar sua pesquisa, buscou em cada canto da favela uma história para contar, misturando em sua prosa alguns elementos poéticos para fazerem parte de seu discurso na voz do narrador. Apesar disso, o autor demonstra a forma coloquial que era utilizada pelos moradores da favela, inserindo palavrões e expressões do lugar.

O livro *Cidade de Deus*, então, mostra a sua faceta e a diferença de enfoque na literatura brasileira, na qual apresenta a visão de dentro da favela, o cotidiano real dela, trabalho feito por esse grande autor e pesquisador contemporâneo.

Ao mostrar essa realidade de uma favela em formação e depois de estabelecer-se, Paulo Lins desmistifica o olhar que há sobre as pessoas que moram lá, pois há ainda pessoas que têm muito preconceito com os moradores de favelas, porém esse trabalho tem o intuito de responder ao questionamento: como é retratado o trabalho nessa obra?

*Cidade de Deus* conta a história da formação da favela de mesmo nome, o enredo possui muitos personagens, dos quais há três ou quatro que são os principais e que estão no centro da trama, enquanto os secundários tem papel fundamental para a história, mas não são aprofundados como os primeiros. O tempo transcorre de forma cronológica exceto por alguns *flashbacks* que o autor faz para rememorar algo do passado ou simplesmente para contar algo que acontece no futuro e é dividido em três gerações ou etapas da formação do crime do lugar. O narrador é onisciente, ou seja, narra a história dos personagens, consegue expressar não somente o que falam mas também o que sentem, e não participa da

ação. Ele conta a história de três personagens, cada um é o centro de sua parte. A primeira é a história de três amigos que cometem alguns delitos dentro e fora da favela, mas sempre em prol de si e dos moradores, são eles Inferninho, Tutuca e Martelo. Na Segunda parte o envolvimento de Inferninho com outros dois bandidos da segunda geração que começam a se tornar os chefes do tráfico, esses são Zé Miúdo e Pardalzinho, melhores amigos de infância e sócios das bocas de fumo. A terceira parte conta como a história de Zé Miúdo se passa sem seu melhor amigo e seu freio, pois quando o amigo estava vivo o impedia de cometer injustiças, mas com a morte dele no final da segunda parte, Zé Miúdo não tem porque continuar a tratar ninguém bem e nessa parte começa uma guerra na favela por consequência das atitudes de Zé.

Desse modo, pretende-se analisar as representações do trabalho na obra de acordo com estudos acerca desse tema, que tem uma importância colossal na vida em sociedade. Além disso, espera-se que a pesquisa apresente a relação microcosmo com a “cidade” na obra, ou seja, como é a formação dessa cidade que torna-se o microcosmo que dá título a obra, assim como analisar o retrato do trabalho e do não-trabalho com base em pesquisas sobre esse tema, categorizar ambos (trabalho e não-trabalho) do modo como estão descritos na obra, ou seja analisar com as bases teóricas como são retratados no romance e, por fim, mostrar como o não-trabalho pode ser considerado trabalho, dentro do ambiente ficcional do livro, a partir da pesquisa.

Essa problemática e os objetivos de realizar a pesquisa são únicos e ao questioná-los é possível chegar a hipótese de que há diversos trabalhos retratados na obra, bem como os que não são socialmente considerados trabalhos, mas que apresentam uma lógica e uma organização como o tal.

As obras contemporâneas da literatura têm uma importância ímpar para os que a lêem no momento de sua publicação e para os que lerão no futuro, pois como se sabe, as obras que permanecem são as que possuem estudos acadêmicos e então tornam-se canônicas, ou seja, quando um artigo ou mesmo uma monografia, dissertação, tese, etc são publicadas no meio acadêmico, as obras as quais são mencionadas nesses trabalhos, ganham divulgação e podem ser utilizadas por outros acadêmicos ou pesquisadores da área, por isso, tanto a obra analisada quanto as fontes de base teórica da pesquisa são lidas e resignificadas pelo ambiente acadêmico. Com isso, pretende-se mostrar que Cidade de Deus é uma

representação de um microcosmo criado por Paulo Lins, que possui uma base real, ou seja, a obra retrata uma ficção realista, pois remete a uma realidade, a um fato ocorrido na favela Cidade de Deus há cerca de três décadas, porém o enredo construído por Paulo Lins é ficcional, tanto como os nomes das personagens e as atitudes extremas retratadas no livro são ficcionais.

Com a finalidade de desmistificar o tratamento que, em geral, as pessoas dão aos que estão à margem da sociedade e mostrar que essas pessoas fazem o que está ao alcance para sobreviver, essa pesquisa colabora para o olhar humano e diferente que os trabalhadores dignos lançarão aos “não-dignos” e mostrar que tudo há um porque se se olha através da perspectiva do outro.

Além disso, mostrar-se-á a contribuição desses trabalhadores e a forma organizada e lógica com que agem, e tudo o que há por trás dessa marginalidade que possuem, e só é possível livrar-se disso os que o querem muito. Ademais, contribuir com uma visão diversificada, tendo em perspectiva o trabalho, para aqueles leitores que nunca cogitaram lê-la sobre essa ótica.

Além do mais, esse tema, o trabalho, é muito importante pois o homem é definido pelo trabalho que faz, ou seja, o trabalho é uma das partes mais importantes da vida do homem, pois afinal de contas, pelo menos um terço de seu dia é dedicado ao trabalho.

Para tanto, a presente pesquisa será pautada em uma pesquisa documental indireta, cuja tônica recai na pesquisa bibliográfica das mais diversas, tendo como base os estudos teóricos sobre o trabalho na sociedade contemporânea. Para analisar o livro Cidade de Deus, serão utilizados grandes pensadores sobre a transformação do homem social e a mudança ocorrida nele a partir do momento que passa a trabalhar.

Com isso, o autor Friederich Engels faz parte do pensamento de descoberta do trabalho para o homem onde é expressado em seu texto *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, e o autor Paul Lafague apresenta a indignação da exploração do trabalho em seu texto *O Direito à Preguiça*, o autor Ricardo Antunes discute as definições e redefinições do trabalho no mundo contemporâneo, em *Os sentidos do trabalho: a afirmação e a negação do trabalho*, além desses autores, há um grupo alemão da corrente marxista que também defende os trabalhadores e os desempregados no texto *Manifesto contra o trabalho*, e o autor Jacob Gorender contribui para o sentido do trabalho contemporâneo e as

diferenças entre as raças. O intuito do trabalho é ligá-los à análise, como referenciais teóricos, da obra brasileira *Cidade de Deus* de Paulo Lins. E, finalmente, a partir desses estudos, mostrar as visões de diferentes autores sobre o trabalho, e, intentar responder tanto a problematização quanto aos objetivos geral e específicos da pesquisa.

## 2 AUTOR E OBRAS

Paulo Cesar de Souza Lins nasceu em 11 de junho de 1958 no Rio de Janeiro. Teve uma infância humilde pois morou na região das favelas do Rio. Com pai pintor e mãe doméstica, Paulo Lins estudou em uma escola de boa qualidade, como disse em entrevista ao programa Provocações da Tv Cultura, e apesar de pertencer a uma classe social baixa, com esforço conseguiu entrar em uma universidade pública, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na década de 1980 ingressou no curso de Letras e passou a fazer parte do grupo Cooperativa de Poetas, por meio do qual começou a escrever. De fato, antes de ingressar na universidade, o autor teve em sua infância os primeiros contatos com a poesia, pois em sua comunidade participava de rodas de samba e teve um contato direto com as escolas de samba locais e nas histórias que ouvia quando criança.

Em 1986, publicou seu primeiro livro, de poemas, intitulado Sobre o Sol e publicado pela UFRJ. Durante sua graduação foi influenciado por Alba Zaluar a desenvolver uma pesquisa antropológica no bairro Cidade de Deus situado na cidade do Rio de Janeiro. Foi por meio dessa pesquisa que começou a escrever o romance Cidade de Deus. A partir de então fez uma pesquisa de campo, virando morador da favela, entrevistando muitos dos moradores para conhecer o local, durante esse tempo fez amigos e tornou-se parte da comunidade.

Mas somente em 1997 que publicou a obra Cidade de Deus, a qual será o enfoque deste estudo. Com a obra conseguiu elogios da crítica do país, e mostrou o modo de vida das pessoas reais e das fictícias da Cidade de Deus.

Depois deste trabalho, o autor mudou do gênero literário para os roteiros de televisão e cinema, deste último escreveu o roteiro do filme Quase dois irmãos, lançado em 2004, o qual lhe rendeu o prêmio de melhor roteiro da Associação Paulista de Críticos de Arte, e em parceria com a Rede Globo assinou os episódios de Cidade dos Homens.

Além desses trabalhos e dos acadêmicos realizados pelo autor, há também um trabalho recente, de 2013, no qual Paulo Lins participou como consultor dos roteiristas do filme Faroeste Caboclo, que teve repercussão em todo o país por se tratar de uma canção da banda mais conhecida das décadas de 1980 e 1990.

## 2.1 ENREDO DA OBRA

O livro *Cidade de Deus* é um dos romances contemporâneos mais impactantes da literatura brasileira. O autor não poupou esforços ao escrever essa obra, que rendeu muitas críticas positivas. Em seu trabalho como acadêmico, começou a escrevê-la, retratando a realidade deste bairro do Rio de Janeiro e participando ativamente da comunidade como, então, morador.

Essa obra é construída em três partes, o início que trata da formação da favela e a parte menos violenta, a segunda parte consiste em narrar as peripécias de três bandidos que descenderam da primeira parte e a terceira, seria os acontecimentos da favela atual, quando os novos e mais perigosos bandidos a dominaram.

A primeira parte é intitulada “História de Inferninho” tem como protagonistas os bandidos da favela: Inferninho, Tutuca e Martelo. Nessa parte, a história desses personagens é envolvida pelo início da favela *Cidade de Deus*, pois ela é formada pela junção dos moradores de várias favelas da cidade do Rio de Janeiro. *Cidade de Deus* é um empreendimento da cidade que tem como principal objetivo criar novas moradias para as pessoas que tiveram seus pertences levados pelas enchentes. A partir de então, forma-se *Cidade de Deus*, que além de moradias também é constituída de Apês, sete blocos de apartamentos. Nesse ambiente são criadas as crianças, que podem ter como futuro a marginalidade ou tornar-se trabalhadores. Inferninho, Tutuca e Martelo seguiram a primeira opção, seja por ser mais fácil, seja por necessidade. Os três bandidos não passam disso, somente roubos e assaltos à mão armada, e o faziam sem colocar a vida dos inocentes de quem tanto tiravam em risco. Essa parte do livro é a mais inocente, ainda que conte com histórias muito pesadas de esquartejamento e estupros, ainda assim, trata da bandidagem sem muita ambição. Todas as ações desses bandidos tem consequências a curto e longo prazo. O destino de Martelo foi modificado, quando o personagem teve consciência de suas ações e passou a virar “otário” como são chamados os trabalhadores ou os não bandidos. Ele se torna evangélico e trabalhador. Tutuca faz um pacto com o Diabo, através de trabalhos de umbanda, no qual deve matar uma vítima todas as segundas-feiras, da forma como quiser, o que o faz enlouquecer e se afastar de Inferninho e do resto dos amigos, com isso, em uma das segundas-feiras não cumpre o prometido e é morto. Já Inferninho continua com seus assaltos, mesmo



depois do abandono de Martelo e da morte de Tutuca. O seu destino é o mesmo que o de Tutuca, pois já está sendo procurado pela polícia e ao sair do mato, onde estava com seus comparsas, após um grande assalto seguido de outro, vai a uma das bocas comprar maconha para endolar um baseado e é morto por um policial. Uma característica muito interessante e importante dessa obra é o tempo, logo no início é possível notar que há dois tempos em que a história transcorre, o primeiro é o de Inferninho e o segundo, o de Busca-Pé. Essa temporalidade apresenta o lado bom e o lado ruim da favela, ou seja enquanto o primeiro mostra os adolescentes criando laços com o crime, o segundo mostra adolescentes lembrando a infância e a inocência dela no mesmo ambiente, porém com visões de diferentes personagens. O primeiro é o passado em relação ao segundo, enquanto o trio de Inferninho já estava cometendo seus delitos, Busca-Pé estava com os amigos, na infância inocente de Cidade de Deus, isto também mostra duas facetas das pessoas e ambientes da favela.

A segunda parte, “História de Pardalzinho”, tem como personagens principais: Pardalzinho e Inho, o personagem que conecta as três partes é o segundo. Enquanto na primeira ele ainda era uma criança prodígio para o crime, na segunda é um dos criminosos mais temidos de Cidade de Deus. A história conta ainda com Busca-Pé que está na fase adolescente, assim como os outros dois. Pardalzinho é o melhor amigo de Inho, que nesta parte muda seu nome para Zé Miudo. Ao completar dezoito anos, Inho faz um rito de passagem junto com seu amigo, pedindo para seu Exu fechar-lhe o corpo para balas e etc. Com isso, consegue se manter vivo e protegido e muda seu nome para Zé Miudo. A partir de então Zé Miudo passa a ficar ambicioso, ele já possuía desde criança uma malícia e maldade, que com o passar dos anos piorou, por isso e por causa de sua determinação foi, junto de seu melhor amigo, conseguindo dominar as bocas dos Apês, onde morava, ou na verdade, onde invadiu e ocupou. Dessa forma, Zé Miudo além de despertar muitas desavenças fazendo inimigos, mas também respeito de alguns moradores, pois castigava os bandidos que estupravam, assassinavam e roubavam os moradores da favela. Enquanto muitas pessoas temiam e odiavam Zé Miudo, todos amavam e admiravam Pardalzinho, pois apesar de ser bandido, era conhecido como piedoso, ele sempre tinha compaixão das vítimas de Zé Miudo, que adorava matar as pessoas e ser o último a ser visto por suas presas. É na História de Pardalzinho que são mencionados os “cocotas”, ou seja, são os *playboys* da favela, os que andam

mais arrumados, com roupas de marca, por essas pessoas que Pardalzinho se fascina porque quer ser como eles. Por ter muito dinheiro com as bocas de fumo, Pardalzinho pede a um dos cocotas que compre roupas para ele nas lojas em que compra as suas. Mas é por sua compaixão e amizade com todos que morre, um dos bandidos que salvou de Zé Miudo, tentou tirar a vida do segundo e acertou Pardalzinho. Com isso, Pardalzinho falece e deixa o melhor amigo inconsolável.

É pela morte de Pardalzinho, que a terceira parte do livro é a mais violenta. Com a morte do companheiro, Zé Miudo, que já era quase incontrolável por ser tirano, qualquer motivo é imperdoável e merece morte ou atitudes piores. Além das muitas histórias que se cruzam no livro, a principal é a de Zé Miudo que é intitulada História de Zé Miudo, ele enlouquece após a morte de Pardal e em uma de suas loucuras, ele tinha atração por uma loura e um dia ficou esperando ela passar para falar sobre seus sentimentos com ela, porém quando a loura chegou o namorado já a estava esperando, e quando Zé Miudo vai se declarar ela dá um fora e então que começa a maldade dele, ele a pega a força e com a ajuda de um comparça prende o namorado e estupra a mulher na frente dele, que não pode fazer nada. Depois do ato deixou os dois viverem, mas no dia seguinte se arrependeu e matou o avô dele, quando saiu de casa para tentar defender a família. Depois de um tempo, Zé Bonito, como era chamado o namorado da loura, começou a fazer parte da turma de Sandro Cenoura, que era o traficante rival de Zé Miudo, eles disputavam territórios da Cidade de Deus com suas bocas de fumo. O bando de Zé Miudo se armou, assim como o de Cenoura e partiram para a guerra, que depois de um tempo perdeu todo o sentido, não se sabia mais o porquê das lutas, das brigas e todo o pessoal que era como Zé Bonito, uma pessoa normal que não participava de lado nenhum das disputas entre os bandos, começaram a fazer parte, ou porque queriam se vingar de um dos bandidos de Miudo ou porque algum dos inimigos estava no grupo de Bonito. Essa guerra na Cidade de Deus durou cerca de dois anos, Miudo, no início não acreditava na capacidade de Bonito para conseguir matá-lo, mas com o passar do tempo temeu a determinação dele e viu do que era capaz. Chegou o dia em que se enfrentaram e Bonito quase conseguiu matar Miudo, mas foi morto antes, pois um menino de seu bando atirou nele para vingar a morte do irmão. Miudo ainda durou mais algum tempo, mas também morreu em decorrência de fugir da polícia, ficou ainda algum tempo preso e depois de pagar para sair da cadeia, teve que prometer propina aos policiais, por esse motivo e por suas bocas de fumo estarem sem

dinheiro em decorrência da guerra com Zé Bonito, teve de achar uma saída, quando saiu da prisão tentou retomar o comando da boca dos Apês, mas não conseguiu, morreu pelo novo dono da boca: Borboletão. A partir de então o rumo de Cidade de Deus foi diferente, a guerra acabou e a paz retomou seu lugar.

## 2.2 ORIGEM DA CIDADE DE DEUS

A obra Cidade de Deus não menciona datas, ou seja, seu tempo apesar de passar de forma lógica, não precisa ser explícito, pois há pistas do tempo. Também possui o recurso flashback, que permite a volta no tempo na constituição das histórias contadas pelo narrador, além disso, somente em uma das histórias o narrador cita um ano. Por isso, é difícil entender somente pela leitura do livro, em que tempos ocorrem as histórias. Porém, em uma pesquisa externa, pode-se perceber a que data na história do país ocorre essa história. A partir disso, é possível entender que a ficção, que teve como base histórias reais e pesquisa por parte do autor, pode ter ocorrido entre os anos de 1960 e 1980, cerca de vinte anos, pois quando é mencionada a data acima citada, o narrador fala do nascimento de um dos bandidos que eram amigos de Inferninho, ou seja, eles tem a idade muito próxima e sobrevivem pouco mais de vinte anos. Além do mais, datas de anos são mencionadas apenas uma vez durante o livro e, trata-se do personagem Pará, na qual o narrador conta como foi sua vida e a data do ano em que conheceu seu amigo e parceiro de roubos, Pelé. Como pode ser visto no trecho a seguir (LINS, 2012, p.91):

[...] Quando escutou numa birosca no morro que quem fosse para o estádio Mario Filho ganharia um prato de sopa na hora das refeições e, ainda, teria direito a uma casa própria, não perdeu tempo: juntou-se aos flagelados das enchentes do ano de 1966 e tudo ocorreu como imaginara. Foi no próprio estádio de futebol que travou amizade com Pelé, seu fiel parceiro.

A data mencionada refere-se então a enchente deste ano que causou muitos estragos deixando a população dessas regiões do Rio sem moradia. No acervo do jornal O Globo estão digitalizadas algumas das notícias relacionadas as enchentes do de 1966, é possível ver que as pessoas que moravam nos morros, de forma geral, foram as mais atingidas, e nesse caso a solução encontrada pelo governo foi remanejá-las, após o caos para a nova favela Cidade de Deus.

Porém essa região denominada Cidade de Deus, na realidade, foi projetada em 1964, a pedido da Secretária de Serviços Sociais, que era responsável pela Companhia de Habitação, conhecida como COHAB. Ela havia visto as obras dos arquitetos responsáveis pelo projeto de algumas vilas na cidade, como a Vila Kennedy, etc. Com isso, a Professora Sandra Cavalcante pediu para que esses arquitetos projetassem esse novo empreendimento da Prefeitura do Rio.

Dessa forma, o Chefe de arquitetos da época, Giuseppe Badolato em entrevista ao programa Quero Meu Rio de Volta, em 2007, expôs a real origem de Cidade de Deus, que não tinha o propósito de ser transformada em uma das favelas mais conhecidas do Rio de Janeiro. A Cidade de Deus foi projetada para abrigar pessoas de origem humilde, que prestariam serviços a Barra da Tijuca e imediações, como o Recreio dos Bandeirantes, pois a Cidade de Deus ficaria entre o Largo da Freguesia e Barra da Tijuca, ou seja, essas pessoas morariam na região da Barra e ficariam mais perto dos locais de trabalho, não tendo de enfrentar o trânsito caótico da cidade maravilhosa.

Depois da ideia lançada aos arquitetos, em dezembro de 1964 o projeto foi aprovado e em janeiro de 1965 a construção da Cidade de Deus estava a todo vapor. Estava tudo caminhando para o bem da população que moraria ali e para o governo, porém em janeiro de 1966 ocorreu o maior imprevisto natural para a cidade do Rio. As tempestades devastaram muitas regiões da cidade e a maioria delas foram os morros. Com isso, o projeto Cidade de Deus veio a calhar para o governo, que deveria abrigar todos, que estavam em estádios e escolas. As obras ainda inacabadas da Cidade de Deus foram ocupadas, pelos assim chamados por Badolato, flagelados. Ele ainda cita essa parte da história, em que é possível notar a preocupação do arquiteto:

[...] Acontece, que em 1966, logo no início de governo, houve uma grande enchete no Rio de Janeiro, uma das maiores enchetes do século. E que que fizeram, onde botar essas famílias? A obra não estava pronta, foi simples, sabe, a Cidade de Deus tá em construção, vamos botar essas famílias todas na Cidade de Deus. Aí, botaram todos aqueles flagelados naquelas casas inacabadas, ou ainda, sem o esgoto pronto. (VIEIRA, 2007)

Apesar da preocupação, não havia como recuperar as casas perdidas e a solução estava em colocar as famílias desabrigadas na Cidade de Deus. Além disso, há também na obra a imagem do narrador contando o início da ocupação, porém a imagem e a realidade contida acima não é mencionada. Pode-se perceber

claramente a relação da real enchente ocorrida em 1966 e a mudança dos novos ocupantes da Cidade de Deus, no trecho:

Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes. [...] Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas fileiradas brancas, rosa e azuis. (LINS, 2012, p. 16)

Portanto, essa parte não mostra a outra parte, a parte originária da Cidade de Deus, o porquê desse nome e para quê serviam essas casinhas fileiradas. Mas, essas pessoas, merecidamente ou não ocuparam esse bairro e passaram a fazer parte da história da cidade maravilhosa. Além da entrevista na parte inicial do programa Quero Meu Rio de Volta, apresentado pela vereadora Andra Gouvêa Vieira, há a parte em que mostra os problemas da comunidade como um todo, ou seja, a vereadora percorre a comunidade, após apresentar a formação e a origem dela, apontando os problemas que os moradores enfrentam e apontando as soluções que podem ser tomadas, é espantosa essa atitude pois não é esperada de quem trabalha no poder público. Uma das questões que mais chama a atenção é o problema de saneamento básico, apontado pelo arquiteto no início da reportagem, e que continua a ser um empecilho na vida dos habitantes.

Ainda há a violência que é mencionada pelos moradores, que comentam sobre os malefícios trazidos pelo filme Cidade de Deus, e o preconceito vivido por muitos deles quando mencionam pertencer a essa região, sendo que a maioria é trabalhadora e uma minoria faz parte da violência e da relação com as drogas. Em relação a esta última, as moradoras entrevistadas mostram indignação ao dizer que muitos moradores da classe média dos bairros próximos, fazem o que querem dentro da comunidade, ao chegar comprar e se drogar dentro da favela, como é possível perceber no seguinte trecho (VIEIRA, 2007): “Na frente de mamãe e papai sou bacana, sou sempre direitinho, [...] então vem pra parte pobre, comprar os bagulhos deles, fumar, cheirar, pinta e borda, tá tudo tranquilo né? Chegou em casa tá tudo bem os filinho”.

Outro problema apontado pelas mães e habitantes do bairro são as escolas, que tem problemas com os professores, que não chegam nas escolas, talvez por medo. O ensino apontam como ruim, pois os filhos passam e não necessitam estudar para tanto. Uma das entrevistadas mencionou que uma creche da região estava sem

aula, sendo que a entrevista foi feita em meados de setembro de 2007, ou seja, há um descaso com a educação das crianças e adolescentes da comunidade.

Todos esses problemas ocorridos na Cidade de Deus, mostram o quão importante são as escolhas tanto dos governantes como da população, ou seja, uma escolha foi feita em janeiro de 1966, que fez com que a população de várias regiões da cidade fossem abrigadas por um bairro que não tinha condições para tanto, por essa razão, a consequência teve um resultado por um lado bom e por outro ruim, péssimo, pois juntando todas essas pessoas, de uma forma e outra, criou alguns laços de amizade e respeito, mas também de desavença, vinganças e violência.

### 2.3 ADAPTAÇÕES DA OBRA

O livro Cidade de Deus foi publicado em sua primeira edição pela Companhia das Letras, em 1997. Desde então, houve uma mudança em suas edições a partir de 2002, após a produção de uma adaptação da obra para o cinema. O autor modificou o nome de alguns dos personagens principais do romance, como por exemplo, Zé Pequeno para Zé Miudo, Bené para Pardalzinho, Mané Galinha para Zé Bonito, Cabeleira para Inferninho. Uma das principais preocupações da mudança foi a tradução, pois seria mais fácil passar para outro idioma com essas modificações, além do mais o livro que tinha em torno de 550 páginas nesta nova edição possui cerca de 400, apesar da perda de pouco mais de 100 páginas o autor afirmou que não houve perda no conteúdo, pois muitos trechos cortados eram repetitivos e outros pelo gosto do autor, que se sentia desgostoso em relação a eles.

Em 2002, o diretor e produtor Fernando Meirelles com codireção de Kátia Lund lançaram a adaptação cinematográfica de Cidade de Deus. Com o filme, o livro que já tinha sido muito bem recebido, ganhou novo impulso e ganhou reconhecimento internacional, por esse motivo a modificação da obra para traduções. Além disso, o filme alcançou a Academia de Arte e Ciências Cinematográficas e foi indicado em quatro categorias: Melhor Roteiro Adaptado, Melhor Diretor, Melhor Fotografia e Melhor Edição. Ademais, recebeu vários prêmios internacionais e foi exibido no Festival de Cannes.

Porém, apesar de ser bem recebido internacionalmente como filme, muitos dos moradores da Cidade de Deus acusaram o filme de ter piorado a relação deles

com outros bairros da cidade maravilhosa, pois a violência que é demonstrada no filme não é e nunca foi real. Há também muito exagero com relação aos personagens, os dois que iniciaram a guerra na Cidade de Deus não armavam crianças e muito menos as colocavam em frente a batalha, e até eram contra envolvê-las nisso, assim afirmam as moradoras na entrevista concedida ao programa Quero Meu Rio de Volta, em 2007. Uma das moradoras responde sobre o que achou do filme (VIEIRA, 2007):

“Aquilo que tá passando ali é muito programado, muito bem feito, mas pra gente foi um prejuízo. [...] Porque a Cidade de Deus já é discriminada, com o filme, nossa ficou pior porque Cidade de Deus só tem bandido, só tem bang-bang, só tem tudo que não presta passou no filme, catou tudo quanto era lixo na Cidade de Deus e colocou no filme, mas na verdade Cidade de Deus tem muita coisa que presta, muita gente boa, muita gente com vontade de mudar né?”.

Essa fala mostra como foi importante o filme em alguns aspectos, mas em outros piorou a visão de quem é de fora sobre os moradores da comunidade, afinal nem todos quem habitam o bairro pertencem a essa minoria que comete crimes, mas todos pagam pelos erros de alguns e pela leitura equivocada que é mostrada no filme, mesmo se tratando de uma obra ficcional de base realista, não foi aprovada por moradores, o que descredita o filme para aqueles que buscam saber a realidade.

### 3 VISÕES SOBRE TRABALHO

Desde o princípio dos tempos, os seres humanos vêm se organizando e formando as civilizações. Não há momento exato na história, que nos indique onde e de que forma surgiu a civilização, somente pesquisas fundamentadas em grandes autores podem apresentar noções e levantar hipóteses para esses questionamentos sobre o trabalho, inserido nessa parte do desenvolvimento humano.

O trabalho é uma das mais importantes partes da vida do homem, pois passa o seu tempo trabalhando para sustentar-se. Alguns dos melhores e mais conhecidos dicionários de língua portuguesa apresentam muitas definições para trabalho, dos pesquisados, o que possuía menos definições foi o Houaiss Conciso no qual traz seis definições, o dicionário de língua portuguesa Evanildo Bechara traz oito definições, enquanto os dois últimos contemporâneos Aulete e UNESP apresentam respectivamente dezessete e dezenove, excluindo-se de todos a expressão dar trabalho que ainda está em uma das definições da palavra. Dentre as definições encontradas estão a palavra trabalho relacionadas a religião, biologia, medicina e física. Porém dentre todas as significações apresentadas a que interessa a essa pesquisa é a que fala do trabalho manual, da atividade remunerada que um ser exerce, a força física feita por um indivíduo para realizar algo, por um fim. Nenhuma delas mostra a história por trás dessa palavra, somente define o verbete.

Portanto, para entender melhor o início de tudo, é necessário saber como começou essa necessidade do homem em trabalhar, como foi que percebeu que deveria começar a trabalhar? Um dos textos mais importantes sobre esse começo é de Friederich Engels: O papel do trabalho na transformação do macaco em homem, publicado em 1876. Nesse texto, o autor fala sobre como o homem se modificou a partir de sua descendência do parente dos chimpanzés, os quais segundo ele, existiram há muito tempo e que possuíam uma inteligência acima da dos outros macacos e pauta sua pesquisa no texto de Darwin sobre a Evolução, é nesse texto que Engels fala sobre a evolução do homem e que a partir do trabalho é que o homem desenvolveu as mãos e diferentemente do macaco, as mãos do homem possuem habilidades que a dos macacos não tem, como a de constuir um machado de pedra, que Engels cita como exemplo. Com isso, o autor também mostra a maneira como o homem se aperfeiçoou, dizendo que essa transformação do



macaco em homem pode ter levado milhares de anos para ocorrer e que foi esse membro do corpo que libertou o homem para trabalhar, ou seja, desenvolver alguma atividade mais complexa usando-a como seu instrumento. Além dessa visão, o autor também fala sobre as mãos, que possui uma forte simbologia e muito recorrente para o tema do Trabalho, como no excerto a seguir:

Mas a mão não era algo com existência própria e independente. Era unicamente um membro de um organismo íntegro e sumamente complexo. E o que beneficiava à mão beneficiava também a todo o corpo servido por ela; e o beneficiava em dois aspectos. (ENGELS, 1876)

Desse modo, a mão não serve somente como membro, mas também como o instrumento para o homem, pois a partir de seu uso para esses fins, é que a anatomia humana da mão transforma o homem em um ser flexível, ou seja, é a partir do uso desse novo instrumento que o homem descobre os objetos e o que pode fazer com eles. Além dessa questão, há ainda o fato de que esses antepassados viviam em manadas e que, segundo a lógica seguida por Engels, eles formavam suas sociedades, com o uso das mãos para agregar às manadas, os homens tiveram que utilizar formas de comunicação, essa necessidade de adaptação, segundo ele, surgiu a necessidade de desenvolvimento anatômico da laringe. No trecho a seguir é possível entender toda a dialética de Engels:

Primeiro o trabalho, e depois dele e com ele a palavra articulada, foram os dois estímulos principais sob cuja influência o cérebro do macaco foi-se transformando gradualmente em cérebro humano - que, apesar de toda sua semelhança, supera-o consideravelmente em tamanho e em perfeição. E à medida em que se desenvolvia o cérebro, desenvolviam-se também seus Instrumentos mais Imediatos: os órgãos dos sentidos. Da mesma maneira que o desenvolvimento gradual da linguagem está necessariamente acompanhado do correspondente aperfeiçoamento do órgão do ouvido, assim também o desenvolvimento geral do cérebro está ligado ao aperfeiçoamento de todos os órgãos dos sentidos. (ENGELS, 1876)

A partir dessa constatação o autor passa a diferir mais intensamente o homem do macaco, e faz a relação da mão como uma das principais formas de expressão do trabalho do primeiro, o que surge após sua transformação é a sociedade, pois desde então o homem possui além do trabalho, a linguagem e portanto consegue estabelecer um relacionamento social.

Com isso, o homem acaba se distanciando dos animais pois passa a desenvolver o pensamento e a fala, além disso, conseguem, a partir da necessidade

de sobrevivência, comida, por meio da caça de outros animais, e por explorarem muito da natureza ao seu redor, acabam com esses recursos rapidamente e precisam da carne. Dessa forma, o trabalho está envolvido em todos os processos, como a caça, a necessidade de fogo, a cooperação em grupo para as atividades de vivência corriqueiras, e o trabalho que exerce o cérebro em desenvolvimento do homem dessa época, como por exemplo, é quando surge a agricultura.

Uma das características do desenvolvimento humano citadas pelo autor é a importância do envolvimento com a natureza, que passa de totalmente dependente, para explorador desta, mas que não o isenta de sua vingança. A partir desse envolvimento, o trabalho tomou conta das relações do homem, e com ele tornou-se um inventor para o conforto e para alimentar-se.

A partir do trabalho, o homem passa a produzir seus alimentos, seus objetos e cria a moeda de troca para seus pertences, e foi com o esforço dele que o homem foi modificando o mundo. Foi a partir das mudanças ocorridas que o papel do trabalho se tornou fundamental, como na parte em que o autor menciona a descoberta de Colombo, que foi o marco reiniciado da escravidão, que já estava extinta e juntamente o tráfico dos negros, para pertencer a alguém. Depois disso, outro exemplo foi a criação das máquinas que o autor explica, representou a divisão dos círculos sociais (ENGELS, 1876):

Os homens que nos séculos XVII e XVIII haviam trabalhado para criar a máquina a vapor não suspeitavam de que estavam criando um instrumento que, mais que nenhum outro, haveria de subverter as condições sociais em todo o mundo.

Ou seja, a criação das máquinas e das indústrias criou uma divisão entre as classes sociais, nas quais há sempre aquele que lucra com o trabalho alheio, enquanto os que trabalham, não conseguem possuir muitos bens e as condições são muito precárias, pois o resito não é recíproco. O autor define muito bem essa divisão e mostra os conceitos atribuídos aos trabalhadores e à burguesia:

Todas as formas mais elevadas de produção que vieram depois conduziram à divisão da população em classes diferentes e, portanto, no antagonismo entre as classes dominantes converteram-se no elemento propulsor da produção, enquanto esta não se limitava a manter, bem ou mal, a mísera existência dos oprimidos. (ENGELS, 1876)

Portanto, o homem, ao transformar-se do macaco, desfez os laços e criou a sociedade, e com esta, o pensamento e a linguagem, separou-se dos outros criando um distanciamento entre os grupos.

Depois dessa fase de descoberta do trabalho surgem as organizações e as regulamentações sociais para ele. Para isso, há um autor importantíssimo que faz pesquisas nessa área com base marxista, Jacob Gorender. Em sua obra *Marxismo sem Utopia*, publicada em 1999, ele faz uma pesquisa acerca do movimento socialista e faz uma crítica ao capitalismo contemporâneo, retomando as teorias marxistas, no qual o papel do operário é a figura mais forte e está em meio a todas as revoluções por ele estudadas. Além disso, o autor diferencia trabalho manual de trabalho intelectual, afirmando que ambos fariam parte de uma sociedade comunista ou socialista. Porém critica a ideia do trabalhador como fonte de revolução social, o trabalhador para ele é ontologicamente reformista. O trabalho virou uma mediação só para consumir na nossa sociedade e já não dignifica tanto assim.

Outra obra do mesmo autor, publicada em 2000, que fala mais especificamente do brasileiro, contando o passado e mostrando fatos mais recentes que acarretaram no país que é o Brasil hoje, intitula-se *O Brasil em Preto e Branco – o passado escravista que não passou*, nesta obra Jacob Gorender fala sobre a herança escravista e racista deixada pelos colonizadores. Assim explica o autor (GORENDER, 2000, p. 56): “Efetivada a Abolição, a escravatura se extinguiu, porém não o racismo. Este persistiu e permanece atuante até hoje, provocando discriminação e sofrimentos no segmento negro do povo brasileiro”. Com isso, o autor mostra como a escravidão afetou os brasileiros, deixando suas marcas. Dentro do quinto capítulo ainda, *Nosso racismo pós-escravista*, Jacob Gorender fala da peculiaridade da discriminação no Brasil, que não foi separatista como nos Estados Unidos e na África do Sul, mas diferentemente:

Como os negros eram e são os mais pobres, deu-se sua aglomeração em favelas e bairros de periferia, configurando uma segregação estabelecida na prática. Contudo nunca houve restrições legais formalizadas à escolha de moradia, acesso a locais públicos e meios de transporte, nem discriminação com relação a hospitais, escolas, igrejas, etc. [...] Os negros brasileiros preferiram, comumente, a busca de soluções individuais em vez do enfrentamento coletivo dos problemas colocados pela discriminação racista. [...] Apesar disso, surgiram no Brasil, correntes de luta anti-racista, que se reuniram no Movimento Negro Unificado. Contribuiu para o fortalecimento deste o crescimento de uma classe média negra, mais instruída e intelectualizada, particularmente sensível à inferioridade discriminatória nos rendimentos aos obstáculos para o acenso profissional e as outras

circunstâncias negativas derivadas da prática racista ostensiva ou disfarçada. (GORENDER, 2000, p. 60)

Foi dessa forma, que o racismo passou a ser discutido e a ser repensado o modo de tratamento dos negros no país, porém há ainda essa discussão acerca do trabalhador negro, que com essa conscientização passou a pensar mais em seus direitos como empregado. Com isso, o autor afirma que as chances de um negro pobre, sem expectativas de um futuro diferente, é mínima se comparada a de um branco, sendo que pouco mais da metade da população é considerada negra. Com esta mesma lógica, o autor se refere aos jovens negros que tem as mesmas condições citadas de entrar em uma universidade e completar o ensino superior. Ao que se refere a trabalho, o autor explicita (GORENDER, 2000, p. 68): “É sabido que os anúncios de jornal, que oferecem emprego, usam o eufemismo da ‘boa aparência’, que informa sobre o critério de seleção segundo a cor da pele – branca, está claro”. Ou seja, a discriminação afeta toda a sociedade, inclusive o trabalho.

No capítulo oitavo, intitulado *Uma sociedade violenta*, Gorender aborda o papel do racismo e da discriminação que persegue ainda na atualidade os negros e que desde os primórdios do país sabe-se do uso da violência para com os escravos, as mulheres, etc. por isso, o autor faz a seguinte análise:

O desemprego estrutural, as habitações promíscuas, a carência de equipamentos de lazer coletivo nos bairros pobres, o adensamento da população de moradores de rua, o abandono de tantas crianças – tudo isso não pode deixar de fornecer combustível à criminalidade. No mesmo sentido atua o narcotráfico, cuja expansão eleva os índices criminais em alguns pontos. Uma vez que constituem a parte majoritária dos pobres e indigentes, os negros são também os personagens mais presentes na dramaturgia da violência. Como agentes ou vítimas, são eles os mais citados. (GORENDER, 2000, p. 93)

Este pensamento dá margem a pensar que as pessoas que vivem nessas condições não tem capacidade, ou a própria sociedade as exclui de ter uma vida diferente dessa, longe da criminalidade e com expectativas diferentes.

Contudo, há outra obra que mostra uma análise do trabalho no mundo contemporâneo, *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*, publicado em 2000, no qual seu autor, Ricardo Antunes, apresenta o trabalhador de outra forma, fora da produção, ou seja, uma visão de que o trabalho tem outro sentido quando ligado ao dinheiro na sociedade contemporânea e que, portanto, perde o significado que foi-lhe atribuído anteriormente. O autor mostra as

metamorfoses ocorridas no trabalho, a inversão de valores da sociedade atual e como isso afetou a sociabilidade humana.

No capítulo VI, intitulado *A Classe-que-vive-do-trabalho: A forma de ser da classe trabalhadora hoje*, Antunes explicita sobre a nova forma que tomou o ser trabalhador contemporâneo, modificado, com o passar do tempo, essa classe trabalhadora, segundo ele vem do conceito de Marx. Neste caso, a classe-que-vive-do-trabalho seria (ANTUNES, 2000, p.102): “A totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo *central* os trabalhadores produtivos”, ou seja, essa classe denominada por Antunes é uma classe que vive do capital adquirido por sua força de trabalho. Ele distingue duas formas de trabalhadores contemporâneos os produtivos e os improdutivos, os primeiros são considerados os que geram lucro e podem não ser trabalhadores manuais. Enquanto os segundos são os que oferecem seu serviço e dão lucro aos produtivos, para Marx, citado então pelo autor, o trabalho destes é consumido como valor de uso e não criam valor de troca, ou seja, o trabalho deles tem é valorizado pelo uso, não há lucro para eles, dessa forma não criam valor dieramente, mas são extremamente importantes para o sistema e são eles, os citados pelo autor (ANTUNES, 2000, p.102): “desde aqueles inseridos no setor de serviços, bancos, turismo, serviços públicos, etc., até aqueles que realizam atividades nas fábricas mas não criam diretamente valor”. O autor então cria uma noção expandida de classe que inclui os produtivos e os improdutivos, e cita além dos que vendem a força por trabalho, os trabalhadores independentes, que são dependentes do capital, há também os desempregados, os quais ele analisa como (ANTUNES, 2000, p.104): “expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação do capital e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva, na fase de expansão do *desemprego estrutural*”. Portanto, os desempregados são considerados por ele, improdutivos, ou seja, fazem parte da classe que não tem lucros.

O autor também diferencia o trabalho material do imaterial, o primeiro se refere ao trabalho manual em que é necessário que o empregado faça um esforço físico, utilizando as habilidades de suas mãos, neste tipo de trabalho, homens e mulheres fazem trabalhos como: pedreiro, artesão, os empregados de empresas multinacionais da parte da produção, montadores, pintores, etc. O trabalho imaterial é aquele que não se produz algo materialmente, mas no campo das ideias, ou seja, esses trabalhadores fazem seus trabalhos utilizando mais a parte intelectual do que

física, são exemplos de trabalhadores imateriais: escritor, pesquisador, professor, pastor, etc. Segundo o autor (ANTUNES, 2000, p.127):

Ele dá forma e materializa as necessidades, o imaginário, os gostos. A particularidade da mercadoria produzida pelo trabalho imaterial (seu valor de uso sendo essencialmente conteúdo informacional e cultural) consiste no fato de que ela não se destrói no ato de consumo, mas sim se expande, transforma-se e cria o ambiente ideológico e cultural do consumidor.

O exemplo de um produto criado por um trabalho imaterial é o livro, que propõe exatamente o que foi citado acima ao consumidor. Essas diferenças são as que separam os dois tipos de trabalho, no qual o homem produz em ambos, mas um necessita a força física e o outro, a intelectual, apesar de serem diferentes são intrínsecas, pois para produzir algo que será materializado é necessário o trabalho intelectual que o cria e pensa sobre o produto idealizado e para que ele seja palpável é necessário que seja realizado um trabalho material. Uma ilustração disto seria um arquiteto que passa horas inventando uma nova mobília que será útil a uma pessoa com deficiência física, após colocá-la no papel, pede a um marceneiro reproduza a peça do papel para o ambiente físico.

Portanto, para que qualquer coisa que esteja materializada no mundo físico, é necessário que haja um planejamento, para qualquer ação do ser humano é preciso que o homem pense e crie sobre o produto ou o destino que será concretizado.

Um texto recente chamado Manifesto contra o trabalho do Grupo Krisis, que é na realidade, um grupo alemão e faz parte da corrente Marxista, trata-se de uma crítica contemporânea, na qual o grupo analisa essa urgência do povo em conseguir um emprego e a vontade de tornar-se mais um membro do mundo capitalista, que é a maior influência para essa urgência. Pode-se perceber a crítica nesse trecho:

Quem não trabalha, não deve comer ! Este fundamento cínico vale ainda hoje - e agora mais do que nunca, porque tornou-se desesperançosamente obsoleto. É um absurdo: a sociedade nunca foi tanto sociedade do trabalho como nesta época em que o trabalho se faz supérfluo. Exatamente na sua fase terminal, o trabalho revela, claramente, seu poder totalitário, que não tolera outro deus ao seu lado. Até nos poros do cotidiano e nos íntimos da psique, o trabalho determina o pensar e o agir. Não se poupa nenhum esforço para prorrogar artificialmente a vida do deus-trabalho. O grito paranóico por "emprego" justifica até mesmo acelerar a destruição dos fundamentos naturais, já há muito tempo reconhecida. (GRUPO KRISIS)

Nesse caso, o grupo autor do texto enfoca o modo como o trabalho faz parte da vida do homem que egocentricamente, torna-se o deus do homem, pois não há

tempo para mais nada, pois, como foi citado anteriormente, o homem se define a partir do seu trabalho. Apesar de ser uma das formas de sociabilização e organização da sociedade, o trabalho não deve ser apenas aquilo que dignifica o homem e o define, por isso também a crítica ao capitalismo descontrolado, pois as pessoas não querem trabalho em algo que gostam e por prazer, mas por têm de trabalhar para sobreviver e comprar, comprar e comprar algo que almejam muito, como uma tv nova, um carro do ano, um ingresso para a copa do mundo, coisas com as quais sonham durante uma vida inteira, ou coisas supérfluas que apenas são anunciadas na televisão e que pensam ser algo útil.

O grupo analisa a forma como é tratado o *deus-trabalho* pelo Estado e como são tratados os que não querem ou não podem trabalhar da maneira capitalista e excêntrica que o país quer, como no trecho a seguir (GRUPO KRISIS):

A simulação estatal de trabalho é, por princípio, violenta e repressiva. [...] Este fanatismo burocrático de trabalho não deixa em paz nem aos que caíram fora – os sem-trabalho e sem-chances - nem todos aqueles que com boas razões rejeitam o trabalho, nos seus já horripelantemente apertados nichos do demolido Estado Social. Eles estão sendo arrastados para os holofotes do interrogatório estatal por assistentes sociais e funcionários da distribuição do trabalho e sendo obrigados a prestar reverência pública [...] Se os que caíram fora futuramente não quiserem viver de ar ou de caridade cristã, precisam aceitar qualquer trabalho sujo ou de escravo e qualquer programa de “ocupação”, mesmo sendo o mais absurdo, para demonstrar a sua disposição incondicional para com o trabalho. Se aquilo que eles devem fazer tem ou não algum sentido, ou é o maior absurdo, de modo algum interessa. O que importa é que eles fiquem em movimento permanente para que nunca esqueçam a lei que sua existência tem que realizar.

Dessa maneira, os desempregados são excluídos totalmente desse meio, ou simplesmente obrigados achar uma ocupação para que o estado não tenha que mantê-los, porém essas pessoas não tem chances de serem escolhidas para uma vaga de emprego de alto cargo ou que pague minimamente um salário que atenda as necessidades de sustento de uma família, mas a obrigação é mais importante do que o prazer e mais do que isso a necessidade é o que dá rentabilidade à sobrevivência, no trecho abaixo contém mais um pensamento sobre toda essa hipocrisia do governo e da moralidade imposta por trás dessa ideologia do deus-trabalho (GRUPO KRISIS):

Pela simulação de “ocupação” e pelo fingimento de um futuro positivo da sociedade do trabalho, cria-se a legitimação moral para tratar de uma maneira mais dura os desempregados e os recusadores de trabalho. Ao mesmo tempo, a coerção estatal de trabalho, as subvenções salariais e os trabalhos assim chamados “cívicos e honoríficos” reduzem cada vez mais os custos de trabalho. Desta maneira, incentiva-se maciçamente o setor canceroso de salários baixos e trabalhos miseráveis.

Desta forma, as pessoas que não tem chances nenhuma de conseguir um emprego e a miséria só continua a aumentar, e é por esse motivo, além de outras motivações que a população marginal aumenta cada vez mais, pois a perspectiva é mínima e continuar à margem é a solução mais fácil.

Em *O Direito à preguiça*, publicado em 1883, Paul Lafargue defende avidamente o direito da classe trabalhadora à preguiça, ou seja, além de trabalhar, para ele o homem não era definido e feito somente de trabalho, mas de inteligência, de uso do seu tempo para mais que apenas labor. O autor defende o proletariado da época por ter mais de trabalhar por mais de doze horas por dia, que era algo desumano, obrigar o povo a trabalhar tanto para sustentar os vícios da sociedade, enquanto a burguesia, o clero e a nobreza se aproveitavam da ignorância do povo para explorar de todas as maneiras possíveis o suor deles. Acontece que essa realidade do século XIX, não é tão diferente da que é conhecida hoje no Brasil.

Para defender seu argumento, o autor faz uso do pensamento dos filósofos da época de Aristóteles, em que criavam poemas sobre o direito de ociosidade para desenvolver seu pensamento, mas por outro lado, eles possuíam escravos, o que apesar de ser uma cultura e épocas diferentes, não os exclui da culpa de terem feito de outros seres humanos seus servos.

Portanto, Lafargue criticava a visão de usar os homens para usufruto de si, deixando o egoísmo de lado e pensando que o povo deveria lutar por seu direito à ociosidade e não ser explorado, sair da margem e possuir mais do que a miséria dos restos da sociedade soberanae como Lafargue defende, não existe somente esse modo de atividade de sociabilidade para o homem.

Cada um dos autores apresentam em suas obras uma visão pertinente ao tema trabalho, e possuem uma característica peculiar, sendo a opinião de dois séculos atrás ou de uma década, todos tem suas particularidades e mostram como o homem lida com essa parte de sua vida, atualmente, tão importante quanto antes, o deus-trabalho ainda clama por mais e mais trabalho. Porém em todas as visões pesquisadas a centralidade do trabalho é discutida, criticada e analisada, por vezes,



pode-se cogitar o trabalho como uma ocupação, seja ela material ou imaterial, como uma transformação de um ser irracional para racional, seja pela luta de uma classe desprotegida explorada. Entretanto, cabe a cada homem saber como quer que seja a sua forma de trabalhar, cabe a cada ser ampliar ou limitar seu leque de opções.

Dessa forma, poder-se-à explorar o mundo do trabalho criado por Paulo Lins em *Cidade de Deus*.

#### 4 O TRABALHO NA CIDADE DE DEUS

Em *Cidade de Deus* o trabalho é apresentado de forma complexa, pois os personagens principais são bandidos, os personagens secundários estão envolvidos nesse meio e outros personagens ao longo da narrativa tem trabalhos muito simples, pois como se sabe Cidade de Deus foi formada para dar moradia aos futuros trabalhadores da região próxima, porém rica da cidade, o que nunca aconteceu, porque as enchentes de 1966 acabaram com algumas das favelas do Rio e muitas pessoas ficaram desabrigadas, portanto, a solução do governo foi mandá-las a Cidade de Deus.

Uma das primeiras vezes em que ocupações e o tema trabalho é mencionada, retrata o começo da construção deste empreendimento, em que os *filhos dos portugueses*: “Trabalharam como em todos os dias, das cinco da manhã até as três da tarde, falaram de nada, riram de tudo, assobiaram fados impossíveis, amaram as formas de vento, almoçaram juntos, [...]” (LINS, 2012, p.15). Esses dois homens que o narrador menciona são os donos do pedaço de terra no qual será construída a Cidade de Deus, eles empenharam toda sua vida por esse lugar que não os pertenceria mais e viria a ser futuramente a favela. Depois da enchente, mudaram-se os novos moradores do lugar, nessa parte mencionam algumas coisas que são levadas, dentre elas “peixeiros, padeiros [...], as mãos para o trabalho pesado” (Idem, p. 16) mostrando que haviam pessoas com trabalhos definidos, sendo ambas formas de trabalhos materiais. Na segunda parte, sobre as mãos, estas sendo usadas como instrumento de trabalho, ou seja, da força física.

Ainda no início da primeira parte do livro, são mencionadas as formas de trabalho materiais em que Busca-Pé se envolvia quando mais jovem para ajudar em casa “imagens do tempo em que vendia pão, picolé, fazia carreto na feira, no mercado Leão e no Três Poderes; catava garrafas, descascava fios de cobre para vender no ferro-velho e dar um dinheirinho a sua mãe” (Idem, p. 11). Com suas recordações Busca-Pé lembra-se das professoras, trabalho imaterial, mas de muita relevância na vida do personagem, pois nessa memória, lembra-se de lhe darem conselhos sobre o futuro: “ se estudasse direito, seria valorizado no futuro, [...]. Bem que as coisas poderiam ser como as professoras afirmavam” (Idem, p.11). Porém, a perspectiva de vida e estudos de Busca-Pé são um pouco frustradas, pois:

estava ali desiludido com a possibilidade de conseguir um emprego para pode levar seus estudos adiante, comprar sua própria roupa, ter uma grana para sair com a namorada e pagar um curso de fotografia. [...] pois se tudo corresse bem, se arranjasse um emprego, logo, logo, compraria uma máquina e uma porrada de lentes. (LINS, 2012, p.11)

Como as chances dessas pessoas que estão à margem da sociedade, moradores de favelas, são muito pequenas, o personagem tem consciência disso, mas a vontade de conseguir algo é tão grande, que apesar de tudo, o personagem não deixa de sonhar. Ainda nesse momento da narrativa, ele lembra da mãe falando sobre a perspectiva de ganhar dinheiro, que a fotografia não proveria o suficiente, mas que entrar para Marinha, Aeronáutica ou para o Exército é que garantiria seu futuro. Pensando sobre o futuro, Busca-Pé cogita aceitar os convites a assaltos, porém esse personagem não tem potencial para criminoso.

Há personagens recorrentes na favela, só de passagem como os entregadores de gás, que são alvos do trio Tutuca, Inferninho e Martelo, eles são as vítimas dos bandidos que assaltam o caminhão todas as vezes que lhes são possíveis. Além desses, são citados Padê Lolo e Paulo Cachaça, são os adultos vendedores de pão que madrugavam nas ruas passando e gritando oferecendo suas mercadorias, os leiteiros que “madrugavam batedo o ferro, anunciando que tinham leite fresco para ser vendido” (Idem, 2012, p.29) tinham ainda os vendedores de picolé que apareciam mais tarde, todos estes trabalhos materiais, braçais. Havia as donas de casa, que é o trabalho não remunerado *fulltime*, em que não há hora para descanso sendo que uma casa não fica por muito tempo arrumada.

Os policiais são personagens muito importantes para a trama, pois torna-se indispensável o trabalho deles dentro da favela, dentre eles há dois que se destacam, os quais são temidos pelos bandidos da primeira fase da Cidade de Deus, Belzebu, detetive responsável por capturar o trio assaltante de gás e Cabeça de nós todo, policial interessado em acabar com a criminalidade da favela.

Em uma de suas abordagens em um baile local, o detetive Belzebu mostrou preconceito geral com as pessoas que estavam lá, porém um personagem chamado Paraquedista, tinha essa função no Exército e por isso o apelido, pediu gentilmente para que não tratasse todos daquela forma, explicando que muitas das pessoas só tinham aquele lugar para se divertir, mas mesmo assim, o detetive ofendeu as pessoas, e ao conversar com o presidente da casa, comete um ato de racismo quando diz: “Se eu chegar igual moça, nego deita e rola, tá sabendo? Todo mundo

aqui tem cara de bandido, quase não tem branco, nesta terra só tem crioulo mal-encarado. Não vou dar sopa mermo!” (LINS, 2012, p. 34). Ao cometer um ato desses, mostra que a polícia, deveria cumprir seu papel como agente da justiça, não está tendo efeito, quando os próprios representantes desta não respeitam as igualdades e desmerecem os que estão à margem.

Martelo é um dos personagens principais dessa primeira parte e é o bandido menos malvado do trio, sua relação com o trabalho é um pouco malandra, pois além de fazer assalto com os amigos, tem outro trabalho temporário, no qual o narrador justifica dessa forma:

Ainda criança, Martelo jurara para si mesmo que não passaria pelas necessidades que passava com os pais. Filho caçula de uma família de seis irmãos, apenas ele arriscara correr o risco de um dia arrebentar a boa. Consequira esconder dos familiares seus atos criminosos. Vez por outra, arrumava emprego de servente de pedreiro nas obras da Barra da Tijuca. Tinha calos nas mãos para mostrar à polícia quando era abordado. [...] seus conhecidos diziam que não parecia bandido. (Idem, p.37)

Assim, Martelo sai despercebido pela polícia por não ter aparências de bandido e por levar nas mãos a marca da ferramenta do servente de pedreiro, a diferença entre ele e os outros é que ele não se orgulhava de fazer parte da bandidagem, mas entre ser servente de pedreiro e ser bandido, o caminho mais fácil para chegar ao detino de ambos, o capital, era por certo o segundo.

Além desses trabalhos aparecem também os de doméstica, a maioria das mulheres tinham essa ocupação, por outro lado, havia outras que se prostituíam para sustentar os filhos, cada uma com suas ferramentas, enquanto as primeiras utilizavam as mãos para a limpeza de uma casa, as outras utilizavam o corpo para o prazer dos homens, o importante era colocar o pão na mesa.

A tabela abaixo mostra os trabalhos presentes na obra, sejam citados apenas, sejam por pertencer a algum personagem:

Trabalhos	Não-trabalhos
Pedreiros, padeiros, vendedores ambulantes, leiteiros, empregadas domésticas, policiais, sargento do exército, detetive, paraquedista, fotógrafo, comerciante, soldado, professor, contador/ administrador,	Bandido, assaltante, prostitutas, traficantes, teleguiados, “vapor”.

engraxate e carpinteiro.	
--------------------------	--

Na primeira coluna da tabela, estão os considerados trabalhos, no qual as pessoas possuem uma especialização ou não para trabalhar, por exemplo professor, é necessário que tenha uma graduação para trabalhar nessa área, domésticas e vendedores ambulantes, não. A segunda coluna apresenta alguns não-trabalhos, ou seja, pela sociedade não são considerados trabalhos, pois estão envolvidos com a criminalidade, isso quer dizer que estão fora da legislação, são ilegais e dessa forma, não são considerados trabalhos, pois não deveriam existir, e quem os pratica, se pego em flagrante é levado pela polícia. Porém, se for analisado de forma cruelmente fria, sem a moralidade da justiça, que no Brasil funciona quando lhe convém, estes trabalhos são tão trabalhos quanto os da primeira coluna, em ambos é necessário analisar o mercado, criar uma logística, planejar e executar, a diferença é que as pessoas que praticam o Trabalho estão dentro da lei e as que praticam o Não-trabalho não estão. Qual então seria a diferença entre elas?

Há sempre uma motivação por trás das escolhas individuais, mas de uma forma geral, as personagens do livro são criadas em um ambiente hostilizado no qual as chances e as perspectivas de sobrevivência são precárias. Mas é claro, que a escolha é única. A falta de trabalho das personagens faz com que a ociosidade, que para os filósofos era o tempo para refletir, para os ignorantes é tempo de relaxar e de não ter que se preocupar com nada, usar drogas então é uma das soluções, fazer as corridas com a marginalidade é o que há de mais próximo a um trabalho que eles têm. Há diversas motivações para o crime, mas o narrador apresenta o ambiente para cada um dos protagonistas da primeira parte do livro:

Tutuca foi criado no morro da Cachoeirinha. Quis ser bandido para ser temido por todos, assim como foram os bandidos do lugar onde morou. Os bichos-soltos botavam tanta moral que o medroso do seu pai não tinha coragem nem de olhar nos olhos deles. Gostava do jeito dos malandros falarem, da forma como se vestiam. [...] Até os quinze anos, foi obrigado a frequentar a igreja assembleia de deus. Sempre dizia aos pais que não gostava daquela vida de orações e mais orações, de ter que acompanhá-los nos cultos. Odiava quando sua casa era palco de vigílias, reuniões do pessoal da igreja. Queria ter uma vida igual a da maioria dos garotos do morro. Tinha vontade de participar das festas juninas, comer doces de São Cosme e Damião, ganhar presentes no natal [...] Os vizinhos comentavam que Tutuca não era feio, que era um menino bem tratado, pois tinha um pai que não bebia, um homem que vivia da casa para o trabalho, do trabalho para casa, e o filho ficava ali com aquela cara de cão raivoso. (LINS, 2012, p.25 e 26)

Foi nessa mesma época que começou a fumar maconha e usar arma para roubar dos moradores, e impunhar medo. Dessa forma, esse protagonista faz parte da população que quer ter uma vida melhor sem ter que se esforçar, ou seja por um caminho mais rápido e de curtição.

Inferinho, o terceiro dos protagonistas, nome que intitula a primeira parte, *História de Inferinho*, tem uma perspectiva parecida com a de Tutuca, porém a família daquele não é parecida com a deste, a criação em meio a bandidos e a busca da honra em carregar uma pistola e de se parecer com eles, foi o que o motivou a entrar na bandidagem. Porém um membro da família foi um dos fatores decisivos, ainda que o personagem quisesse muito ter uma vida dessas, tinha um pensamento bem definido, mas se não fosse pela morte da avó, talvez teria seguido um caminho diferente, como o narrador demonstra seus pensamentos nesse trecho:

Depois que a avó morreu, Inferinho resolveu que não andaria mais duro. Trabalhar que nem escravo, jamais; sem essa de ficar comendo de marmita, receber ordens dos branquelos, ficar sempre com o serviço pesado sem chance de subir na vida, acordar cedo para pegar no bantente e ganhar merreca. Na verdade, a morte da avó serviu somente de atenuante para seguir o caminho no qual seus pés já tinham dados os primeiros passos, porque, mesmo se a avó não morresse assassinada, seguiria o caminho que para ele significava não se submeter à escravidão. Não, não seria otário de obra – deixava essa atividade, de bom grado, para os paraíbas que chegavam aqui morrendo de sede. (LINS, 2012, p. 41)

Nessa passagem há ainda claramente as diferenças entre raças na qual a branca é privilegiada à negra, esse pensamento é demonstrado pela personagem quando se refere à vida de trabalhador comparando-a com a escravidão, além disso, ele tem plena convicção de que mesmo trabalhando com um branco em que este esteja no mesmo patamar que o seu, ainda assim, será mandado por ele, esse pensamento é comum ao personagem pois está acostumado a estar à margem, ser morador da favela e não pertencer ao percentual da população que sua pelo trabalho, que não se submete a esses trabalhos que exigem um esforço físico exaustivo e pagam pouco por sua força. Ainda que tenha esse pensamento, o objetivo desse bandido em particular era “rebentar a boa”, isso significa que era necessário esforço marginal para conseguir o máximo de dinheiro possível, sempre em prol do bem morar, bem comer, bem vestir, além de ter, ter e mais ter, casa carro, uma esposa de pai rico, além de drogas para consumir o quanto quisesse,

para dividir com os amigos e para mostrar aos outros que conseguiu melhorar de vida (LINS, 2012, p. 40).

Entendendo dessa forma, que os protagonistas tem como modo de sobrevivência a criminalidade, e que portanto, para eles é o trabalho com que estão envolvidos, será analisada a logística e o planejamento feito por eles para conseguirem executar o serviço.

Há dois modos de agir dos bandidos de *Cidade de Deus*, o primeiro é o furto não planejado em que os bandidos simplesmente pegam o assaltado de surpresa, levam tudo que lhe é necessário e o que está ao alcance, o tempo é cronometrado para que não dê tempo de ser visto pela polícia. Essa forma, só tem um planejamento: o lugar. Eles podem escolher o lugar de acordo com suas necessidades, por exemplo, um bandido que quer “descolar” mais dinheiro necessita ir à Zona Sul do Rio, onde moram os “bacanas”, as pessoas que tem mais dinheiro e que geralmente andam com jóias. Mas se o dinheiro for uma necessidade momentânea, podem assaltar os moradores da favela e das redondezas, para que não precisem ir tão longe.

O segundo modo é o roubo planejado, neste os bandidos levam algumas horas ou dias para planejar, precisam de um tempo de observação para analisar como farão o roubo, se for de uma casa é melhor quando não há ninguém para não machucar ou ter de matar alguém. É necessário que prestem muita atenção ao trabalho para que nada saia errado e ninguém saia machucado. Em ambos modos há a ferramenta de trabalho utilizada por eles, esta é opcional, a arma de fogo.

Um exemplo desse segundo modo é conhecido como o assalto ao motel, aparece tanto na adaptação cinematográfica, muito bem adaptada, quanto no livro, os bandidos planejaram o assalto, rendem os funcionários do lugar, à mão armada, e levam todos para a cozinha, depois se encaminham para os quartos, onde levam todos os objetos de valor dos hóspedes, este assalto não sai como planejado pois os bandidos são perseguidos pela polícia e tem de se esconder por pelo menos dois dias até passar toda a confusão. Esse assalto até lhes rendeu uma página no jornal, que falava sobre as pessoas que moravam na Cidade de Deus, os bandidos orgulhavam-se e com isso ganhavam mais respeito, pois até na bandidagem há hierarquias, os bandidos menores de assaltos do dia a dia, os que planejam assaltos grandes como os do motel, que ganham reportagem no jornal, e há o que comanda todo o tráfico de uma favela, este deve ser impiedoso e além de perspicaz, deve

cobrar as dívidas e não titubear ao encontrar com alcaguetes e não pagantes, ou seja, um assassino nada permissivo.

Nessa área há mulheres, não se pode negar que na obra há muitas mulheres retratadas como trabalhadoras guerreiras e mães de família, que batalham muito pelos filhos que hora ou outra se envolvem com a criminalidade, essas estão nas áreas de trabalhos materiais e imateriais, mostrando que para a época a mulher tinha um papel bastante importante. Porém, há outras que se permitiram envolver com os bandidos e que também agem em roubos, deve-se entretanto ressaltar que elas, nesse papel, estão muito a frente dos homens quando se trata de delicadeza e discrição. Dentre elas estão as personagens Lucia do Maracanã e Berenice, a primeira só furtava nas feiras, mas a segunda tinha uma mente mais esperta para isso, como nesse trecho:

Começara ainda menina roubando alimentos das prateleiras dos mercados do Leblon e Ipanema. Agora só roubava as madames nas feiras da Zona Sul. Vivia chamando Maracanã para furtar com ela. Achava que essa onda de ficar roubando alimentos na feira era coisa de criança. O negócio era roubar dinheiro, pulseiras e cordões de ouro. (LINS, 2012, p.45)

Com os anos, Berenice aprimorou suas habilidades e roubava cortando as bolsas das madames e levando embora o que conseguia.

Na primeira parte do livro, o narrador apresenta um outro Não-trabalho, o do traficante. É muito comum em todo o país existir essa ilegal profissão, pois no mundo inteiro, ainda há viciados, os dependentes das drogas infelizmente para eles e felizmente para os traficantes, a economia ilegal continua a girar.

Em *Cidade de Deus* não é diferente, existem várias “bocas” espalhadas pela favela e em cada canto tem algum maconheiro, cheirador, etc. andando em procura de drogas. Este não-trabalho, forma no microcosmo a que pertence o capitalismo ilegal, ou seja, o capital gira entre os traficantes e os negociantes, eles sempre tem dinheiro, seja para gastar no bar ou no mercadinho e todos ficam bem, os drogados, os traficantes e os donos dos bares e mercados. Mas nem tudo são flores, quando se trata do tráfico, existe uma moeda de troca e uma organização, além da administração do negócio, como se fosse uma empresa. A administração ficava por conta de quem sabia calcular e escrever, o *marketing* ficava por conta dos “vapores”, que eram os responsáveis por enviar as mercadorias aos destinos e por fazer o “boca a boca” na comunidade, tinham também os teleguiados que são os



responsáveis pela segurança do local e das bocas, ao avistar polícia deveria avisar de alguma maneira a chefia para se prepararem. O lucro era todo dos traficantes, isso fazia com que ganhassem dinheiro e continuassem a prosseguir com o negócio. Como é possível perceber nessa parte (LINS, 2012, p. 177/178):

Tudo corria em total crescimento , os ladrões sempre traziam revólveres para trocar por cocaína e maconha, seu vapor trabalhava armado, esse negócio de vapor trabalhar na mão é coisa de boca sem-vergonha. Pardalzinho era seu único sócio, era o único em quem confiava. O resto assaltava para arrumar dinheiro. O dinheiro entrava fácil para o bolso de Miúdo e Pardalzinho; precisava arrumar uma pessoa que soubesse ler e escrever para administrar o entra e sai de dinheiro. Esta pessoa não poderia ser bandido, porque bandido não presta, [...] Tinha de ser um trabalhador amigo, [...], que nunca houvesse roubado, mas que também fosse de atitude, sujeito homem, [...] Correu ao encontro de Carlos Roberto, fez-lhe uma proposta de trabalho, [...] era só manobrar o dinheiro para ter sempre a quantia da compra do preto e do branco. Também queria que ele tomasse conta dos vapores[...] Só iria trabalhar com dinheiro e negociar com os matutos [...].

Dessa forma, os negócios de Miúdo deslancharam e ele finalmente encontrou um contabilista, alguém em quem pudesse confiar o trabalho de administrador. Portanto, o meio do não-trabalho ofereceu um trabalho para Carlos Roberto, que pôde ganhar dinheiro extra.

Miúdo gostava da vida que tinha porque desde criança queria ser bandido e aprendeu a ser malandro desde muito cedo. Mas antes de começar nessa vida, ele teve um trabalho: engraxate. Ganhou da mãe uma caixa de engraxate feita por um vizinho, Luís que era carpinteiro, para trabalhar quando mais novo, “tentou enveredar na profissão [...] ganhar a vida dando brilho nos sapatos dos branquelos engravatados do centro da cidade” (Idem, p. 151). Porém não conseguiu continuar, a marca da pobreza estampada na face e a humilhação que passava engraxando os sapatos, novamente a diferença entre as raças, dos brancos. Por isso, “saía para ganhar a vida todos os dias, não gostava de ficar duro, que ficava duro era trabalhador, engraxate” (Idem, p. 153). Dessa maneira, justificava na insuficiência de dinheiro de trabalhador legalizado, a sua indignação com o mundo do trabalho duro e escolheu o não trabalho para conseguir sobreviver e sustentar os vícios.

O único trabalho que poderia colocar um fim nos não trabalhos era o dos policiais. Eles eram os que poderiam salvar uma favela de todos os não trabalhos, e restaurar a ordem da sociedade formada na Cidade de Deus, mas era impossível, a

polícia de algum jeito não poderia colocar fim a essa gente ou a essa forma de não trabalho.

Muitos dos policiais eram muito eficientes, como Belzebu, que era detetive e ficava à caça do trio de assaltantes. No entanto outros, eram corruptos e tão ladrões quanto os reais ladrões. Cabeça de Nós Todo é um desses policiais que queriam pegar maconheiros para extorquir dinheiro e na falta de um, extorquiou de uma família de trabalhadores, ele era um desses policiais insatisfeitos com a profissão, com o salário que ganhavam, não tinham dinheiro para nada e trabalhavam combatendo o crime, mas uma vez que se envolve com este não é mais o mesmo. Com isso, há a crítica com relação à segurança, pois não havia como se defender da violência e da criminalidade presente.

Um trabalho que também teve na Cidade de Deus, foi o de comerciante, esse trabalho é bastante importante pois movimenta a economia da favela e o capital não fica somente entre os traficantes, mas entre os trabalhadores legalizados também. A ideia de se tornar comerciante veio de um amigo de Busca-Pé, Álvaro Katanazaka, ele tinha dinheiro para investir e propôs ao amigo que comessem uma pizzaria, teria alimentos e bebidas, menos cerveja, pois não queriam aturar biriteiros.

Busca-Pé lembrou-se de um lugar que era perto da Cidade de Deus onde conseguiriam o aluguel de um espaço pequeno e conseguiram, durante o primeiro mês só puderam pagar as dívidas e comprar mais coisas para investir novamente. O trabalho era cansativo, mas ambos gostavam e tinham o sonho de que desse tudo certo para poderem se dar bem na vida e contratar empregador futuramente. O tempo foi passando e eles trabalhando muito para sustentar quando pizzaria e, enfim, Busca-Pé tomou uma decisão quando não havia o que fazer, disse a um amigo (LINS, 2012, p. 242):

A porra do bar não deu certo, minha mãe tá falando no meu ouvido que não tá afim de sustentar vagabundo e eu mermo não gosto de ficar duro, morou, choque? Vou lá no Macro ver se descolo uma batalha. Trabalhei pra caralho na porra daquele bar...

Infelizmente para Busca-Pé, o trabalho e tempo que investiram no bar/pizzaria não deu certo, mas nem por isso desanimou, foi procurar trabalho em um mercado local, para não ficar ocioso em casa e sendo sustentado pela mãe. Além disso, quando perguntado pelo amigo o que tinha acontecido com o bar, o porquê de não ter dado certo, ele respondeu: “Fiado, cumpádi, muito fiado, morou? Eu falei pra

ele: meu irmão, tu tá vendendo muito fiado. Aí ele falava: ‘Deixa comigo! Deixa comigo!’ Aí, no que é que deu.” (LINS, 2012, p. 243)

Apesar de ter dinheiro para investir, Katanazaka não soube administrar o bar e ele e Busca-Pé perderam a oportunidade de se saírem melhor do que os que fazem parte do não trabalho e mostrarem que o trabalho legal e honesto é melhor e mais bem-sucedido do que o tráfico e os assaltos.

Os trabalhos retratados em *Cidade de Deus* têm sentido peculiar, cada um o seu, os motivos representados acima para aqueles que não tem trabalho e utilizam formas ilegais e criminais para se sustentar e para sobreviver a uma sociedade capitalista onde o mercado de trabalho requer mais que um bom currículo, só mostram o quanto a sociedade está sedenta de capital e continua cheia de racismo e preconceitos.

Pode-se perceber que os trabalhadores e não-trabalhadores tem objetivos e valores diferentes, mas a maioria apresenta valores positivos e negativos, ou seja, o trabalho tanto serve para consumo e prazer, quanto para sobrevivência.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Cidade de Deus* é de extrema importância para o público leitor brasileiro e também para os interessados na literatura brasileira pelo mundo afora. É necessário, porém, que a leitura seja guiada pela noção ficcional, pois há muitas pessoas que confundem um relato de uma experiência real com a relação ficcional de uma obra com a realidade. Sabe-se por meio dessa pesquisa que as personagens e as ações por elas tomadas ao longo da narrativa são uma ficção que se baseia na realidade, contrapondo um relato de ações de pessoas verdadeiras que viveram na Cidade de Deus. Com isso, a obra de Paulo Lins apresenta diversos personagens e um universo ficcional com tempo extenso, que de forma incomum traz a favela para perto do leitor, pois isso muitas vezes o plano ficcional e real podem se confundir.

Apesar disso, no plano ficcional foram categorizadas as formas de trabalho que são apresentadas no romance e com base na definição moralmente aceita pela sociedade contemporânea, definidas as áreas de trabalho e não-trabalho. Sendo a primeira as formas legalizadas de trabalhos, aqueles que são honestos e se valem de suor físico ou intelectual para serem executadas, e a segunda aquela que é ilegal, está fora das leis e são consideradas crimes.

Foram consideradas as reflexões dos autores Friederich Engels, Paul Lafargue, Jacob Gorender, Ricardo Antunes e Grupo Krisis, que falam sobre trabalho, e dentre as ideias de seus textos, foram selecionadas algumas com as quais esta pesquisa se identifica, para tratar do tema.

Com a reflexão de Engels em *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, pôde-se perceber a relação da sociedade com o trabalho, o homem sendo o animal racional, que conseguiu desenvolver a linguagem e aprimorar o trabalho nessa modificação tanto interna quanto externa. Engels também fala sobre o uso da ferramenta mão para o trabalho, o que dentro da obra *Cidade de Deus* é indispensável, tanto para o trabalho quanto para as atividades consideradas não-trabalho, pois sem a utilização das mãos o homem continuaria a ser macaco. Além disso, há outras ferramentas dentre as atividades de não trabalho, que tão indispensável quanto a mão para as pessoas que a praticam, a arma de fogo.

A partir da reflexão tanto do Grupo Krisis em *Manifesto contra o trabalho*, quanto de Paul Lafargue em *O direito à preguiça*, foi relevante pensar o trabalho na Cidade de Deus da forma como esses pensadores trazem o direito do trabalhador de não ser explorado e muito mais ainda a parte que fala sobre os desempregados, aqueles que não tem trabalho, seja por opção ou porque consideram alguns trabalhos humilhantes, foi possível ver que a recorrência de alguns personagens às atividades de não trabalham se deram exatamente por essa causa, porque estão excluídos da sociedade e por não terem opção de escolha.

Juntamente com essa ideia de humilhação e de exposição segue o pensamento de Jacob Gorender em *Brasil em preto e branco*, grande estudioso sobre o preconceito em várias áreas, mas que no trabalho, e no Brasil, assim como na obra, acontecem atos de racismo em todas as escalas, é imaginável na realidade da favela, onde Paulo Lins retrata em alguns momentos da vida dos personagens o preconceito que sofrem por serem de onde são, pela cor que tem, ou seja, como Jacob diz, os que estão à margem, a maioria são negros, portanto, são eles os que mais sofrem preconceito, obra publicada em 2000, mas que ainda, infelizmente, é recente.

E, por fim, Ricardo Antunes com a obra *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho*, a partir desta foi possível constatar os inúmeros trabalhos produtivos e improdutivos que existem na obra, bem como os materiais e imateriais, estes últimos categorizados na tabela abaixo, sendo também consideradas as atividades de não trabalho:

Trabalhos Materiais	Trabalhos Imateriais
Pedreiros, padeiros, vendedores ambulantes, leiteiros, empregadas domésticas, policiais, sargento do exército, paraquedista, fotógrafo, comerciante, soldado, engraxate, carpinteiro, bandido, assaltante, traficantes, teleguiados, “vapor”, prostitutas	detetive, professor, contador/administrador.

Trabalho material é considerado toda a atividade realizada pelo homem na qual ele produz algo, necessita de sua força física para fazê-lo, ou realiza-lo. E

entende-se por trabalhos imateriais aqueles que necessitam da força intelectual, no campo das ideias para se realizar. A partir dessa pesquisa pôde-se considerar as atividades de não-trabalho como trabalho pelo fato de serem atividades remuneradas que esperam esforço daquele que as realiza, contrapondo o pensamento da sociedade contemporânea que apenas os define como crimes, pensando sempre na obra Cidade de Deus de Paulo Lins e nos personagens presentes no ambiente ficcional.

Além disso, essa ideia vem tirar a carga de dignidade do trabalho da definição do homem, pois na sociedade atual o homem é definido, não pelos seus ideais, reflexões e ações, mas pelo trabalho, por algo que ocupa oito horas diárias de sua vida. E, dessa forma, não é necessário que os personagens sejam dignos ou não, apenas fazem aquilo que lhes convém ou o que lhes dá prazer.

Portanto, o retrato do trabalho na obra Cidade de Deus foi importante para ressignificar a definição de trabalho para a sociedade contemporânea e as atividades consideradas não trabalho para esta, no universo ficcional pode ser considerada trabalho porque este não é mais a definição do homem nem o que lhe atribui dignidade, mas a atividade que é realizada por ele para dar sustento a si, a família, se houver, e aos prazeres de si.

## REFERÊNCIAS

ACERVO O GLOBO. **Em 1966, enxurrada matou 200 pessoas e deixou mais de 30 mil desabrigados**. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1966-enxurrada-matou-200-pessoas-deixou-mais-de-30-mil-desabrigados-8970534>>. Acesso em 20 jan 2014.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6.ed. São Paulo: Boitempo, 2002.

ENGELS, Friedrich. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000041.pdf>>. Acesso em: 04 de janeiro de 2014.

GORENDER, Jacob. **Marxismo sem utopia**. São Paulo: Ática, 1999.  
\_\_\_\_\_. **O Brasil em preto e branco**: o passado escravista que não passou. São Paulo: Ed. Senac, 2000.

GRUPO KRISIS. **Manifesto contra o trabalho**. <<http://www.consciencia.org/krisis.shtml>>. Acesso em 11 de novembro de 2013.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à preguiça**  
<<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/direitopreguica.pdf>>. Acesso em: 30 abr 2014.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012.

ITAU CULTURAL. **Enciclopédia Itaú Cultural Literatura Brasileira**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_lit/index.cfm?fuseaction=biografias\\_texto&cd\\_verbete=13757&lst\\_palavras=>](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_verbete=13757&lst_palavras=>)>. Acesso em: 15 de novembro de 2013.